

**AFORIZAÇÃO PROVERBIAL SOBRE O NEGRO
EM DIFERENTES MATERIALIDADES DISCURSIVAS:
CRISTALIZAÇÃO E CIRCULAÇÃO
DE PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS**

Denise da Silva Nunes (UFMT)
Paulo Rogério de Oliveira (UFMT)
profletras@bol.com.br

RESUMO

Neste artigo, procuramos analisar, através de duas pequenas amostras, como os provérbios racistas são particitados/reenunciados em outros gêneros discursivos, propiciando a circulação e cristalização de fórmulas e estereótipos bastante negativos em relação à imagem do negro, numa sociedade que se apresenta como *multiculturalista* e *multiétnica*. Para isso, apoiamo-nos no arcabouço teórico e metodológico da Análise de Discurso de orientação francesa, mobilizando principalmente os conceitos de aforização e hiperenunciação propostos por Dominique Maingueneau (2006 e 2011) e de Paráfrase e Polissemia numa perspectiva discursiva, apoiando-nos nos trabalhos de Fuchs (1985) e Orlandi (2001).

Palavras-chave:

Provérbios racistas. Enunciação aforizante. Preconceito de cor. Estereótipos.

1. Considerações iniciais...

Considerar os enunciados numa perspectiva discursiva é, sem dúvida alguma, ir além da transparência e evidência do(s) sentido(s) já lá; é considerar as estruturas morfossintáticas que compõem sua materialidade e também levar em consideração sua exterioridade, pois materialidade linguística e exterioridade são constitutivas dos sentidos, conforme nos esclarece Brandão (2012, p. 19), ao dizer que “[...] o discurso ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico. O nível discursivo apoia-se sobre a gramática da língua (o fonema, a palavra, a frase) e sobre os aspectos extralinguísticos que condicionam a sua produção”.

Desse modo, pretendemos, neste artigo, refletir um pouco sobre como se dá o funcionamento discursivo dos provérbios sobre o negro, não limitando nossas análises somente às estruturas linguísticas que os compõem, mas considerando também sua emergência nas mais variadas instâncias enunciativas e o modo como se materializam nos mais diversos gêneros discursivos, sedimentando preconceitos e depreciando sua imagem, mesmo em tempos de lutas pela chamada e almejada igualdade

racial.

Vivemos em um país onde o preconceito relacionado ao negro é bastante evidente, embora se afirme o contrário. A título de exemplo, podemos citar os frequentes programas da mídia televisiva que o expõe ao ridículo das mais variadas formas possíveis, explícita ou implicitamente. Assim, um paradoxo se instala: a própria mídia que se diz propagadora de ideias, opiniões, que combatem ao preconceito racial⁶³ é a mesma que difunde tais preconceitos.

É importante lembrar que durante os séculos de escravidão, o negro não era visto como um sujeito social, como cidadão, como pessoa humana. Era tratado como coisa, como “peça”, como propriedade, como máquina, uma espécie de robô-humano, um a-sujeito sem direitos, só com deveres. Com relação aos estudos sobre o racismo no Brasil, Schwarcz (2001, p. 39) esclarece que:

[...] os recém-chegados se transformavam em *boçais* (aquele que não conhece a língua). Entendido como propriedade, uma *peça* ou *coisa*, o escravo perdia sua origem e sua personalidade *Servus non habent personam*: “o escravo não tem pessoa”, é um sujeito sem corpo, sem antepassados, nomes ou bem próprios.

Sem dúvida alguma, o preconceito racial existente no Brasil tem sua origem no período Colonial, uma vez que os negros, retirados de várias partes da África e trazidos para cá, se tornavam escravos dos Senhores de Terras. A escravidão durou quase cinco séculos, tempo bastante para o preconceito contra o negro se capilarizar no corpo social do país, a ponto de tornar-se “natural”. É importante enfatizar que, ao serem destituídos de suas terras e arrancados de seu território de origem, começaram a passar por maus tratos, desde o traslado marítimo, lutando pela sobrevivência dentro dos navios em condições sub-humanas. Os que chegavam com vida, já esperavam por tratamentos ainda mais impiedosos.

2. Sobre os provérbios: aspectos gerais

Os provérbios são objetos linguísticos usados em tempos remotos, com objetivos diversos, e tamanha era a importância dada aos provérbios pelos filósofos da antiguidade, que chegou a chamá-los, segundo a obra

⁶³ O termo “preconceito racial” será usado ao longo deste trabalho, referindo-se especificamente às pessoas negras (usado como sinônimo de preconceito de cor).

Filosofia Popular: Provérbios (2002, p. 11), de a “linguagem dos deuses”.

Na antiguidade, os filósofos gregos, conhecidos como “os sete sábios da Grécia”, dentre eles Tales, Pítaco, Bias, Sólon, Cleobulo (de Lindos), Cleobulo (de Lacedemónia) e Periandro, já faziam uso de provérbios para expressar e difundir suas sabedorias/conhecimentos para o povo.

Temos também os poetas gregos, que se apropriavam dos provérbios para escreverem suas obras artísticas, como Teógnis (autor das *Sentenças Elegíacas*), Phocylides (contemporâneo de Teógnis), Sócrates, Platão, Clearco, Teofrasto, e muitos outros inspiram-se em parêmias para divulgar seus escritos literários.

Na antiguidade, não ficaram de fora também, em relação aos admiradores de provérbios, os sacerdotes e os legisladores, que tinham como objetivo instruir e doutrinar a população em relação a determinados preceitos, julgados como socialmente bem aceitos. Em Roma, temos Júlio César, que considerava os provérbios instrumentos riquíssimos para a construção de conhecimentos para a vida cotidiana.

Alguns teólogos e judeus dizem que o rei Salomão é o mais conhecido homem que colecionou provérbios no período antigo, pois via neles uma espécie de *vozes da sabedoria*.

Porém, é na idade média que os provérbios ganham maior notoriedade no sentido de serem reconhecidos como frases, não só de cunho literário, como também como depósito de sabedoria e preceitos de valores moralizantes.

Dentre os autores do período medieval que lançaram mão dos provérbios para comporem suas grandes obras artísticas literárias, podemos citar Jacopone de Todi.

No período renascentista, eles são retomados como fonte de inspiração artística. Os autores que mais se destacaram nesse período foram Miguel Apostólio, Scaligero, Polidoro Virgílio e Erasmo.

Os provérbios são divididos em duas categorias, a saber:

Os *provérbios gerais* exprimem geralmente uma ideia moral ou prática – verdade axiomática aceita igualmente por todos os povos e reproduzida por imagens mais ou menos análogas (às vezes até por vocábulos equivalentes!) em todos os países.

Os *provérbios particulares* ou locais devem geralmente a sua origem a um facto histórico, a um costume local ou a uma aventura singular. Há neles portanto (ao inverso do que sucede nos provérbios gerais) uma originalidade especialíssima que caracteriza a localidade ou a ocasião em que eles se originaram (*Ibidem*, p. 16).

Dado o exposto, podemos perceber que os provérbios carregam, por excelência, uma verdade socialmente estabelecida e aceita por determinados grupos e até universalmente (re)conhecidas.

Definir provérbios não é tarefa fácil, pois até entre os estudiosos da área percebemos que não há consenso quanto à sua caracterização. No entanto, sabemos que suas origens enraízam-se na cultura popular, nas tradições orais de um povo.

Segundo Parafita e Fernandes (2007, p. 38), a cultura popular

É a construção e afirmação das identidades culturais de um povo, encarado este como uma comunidade humana estável, zeladora da sua memória, respeitadora das suas crenças e dinâmicas no uso das suas tradições; [...] os objetos (artefatos) não são meros objetos de consumo, mas sim objetos simbólicos, isto é, coisas que significam porque simbolizam.

Assim, podemos dizer que os provérbios são também objetos simbólicos tal e qual os artefatos usados pelos povos antigos, uma vez que eles representam a sua memória, suas origens e suas crenças, não são apenas frases decoradas e repetidas, mas frases carregadas de uma simbologia ímpar para uma determinada comunidade.

Por fazer parte da literatura oral⁶⁴, os provérbios por algum tempo foram menosprezados, uma vez que não se incluíam na chamada literatura canônica, e as pessoas letradas, as mais escolarizadas, inclusive as que não eram escolarizadas também os classificavam como:

[...] arcaicos, contraditórios e difíceis de ser levados a sério [...] menosprezada, inclusive, pelos seus próprios atores, que a si mesmos se definiam como “gente ignorante”, atrasada, inculta, apelidando as suas crenças, os seus saberes, os seus provérbios e outras fórmulas alegóricas, como “coisas de velhos” (*ibidem*, p.39, grifos do original).

⁶⁴ Nosso objetivo não é fazer aqui uma explanação especificada do que seja literatura oral e nem dos vários gêneros discursivos que compõem a tradição oral, como os contos populares e os contos de fadas, mencionamos apenas os provérbios por ser nosso objeto de investigação neste trabalho. Para mais detalhes pode-se consultar Parafita e Fernandes (2007).

Diferentemente do período clássico⁶⁵, neste momento histórico, os provérbios perdem, de certa forma, seus *status* de prestígio, de notoriedade, uma vez que as obras escritas consagradas ganham destaque entre as obras artísticas literárias da época.

Vale ressaltar que não é nosso objetivo fazer uma exposição histórica, teórica e nem uma análise exaustiva, do que foi proposto; o nosso intuito é apenas mostrar o que pretendemos desenvolver ao longo de nossa dissertação de mestrado.

3. Arcabouço teórico

Para dar conta da proposta apresentada, inscrevemo-nos nossa investigação na corrente teórica e metodológica da análise de discurso de orientação francesa, mobilizando os conceitos de *paráfrase* e *polissemia*, numa perspectiva discursiva segundo Fuchs (1998) e Orlandi (2001), e de *aforização* e *hiperenuniação*, propostos por Dominique Maingueneau (2006 e 2011). Procuramos compreender como os provérbios racistas ainda circulam nas diversas instâncias de comunicação, mediante retomadas de enunciados parafraseados e aforizados, possibilitando, assim, a cristalização de fórmulas e estereótipos negativos sobre o negro.

Conforme Orlandi (2010), os enunciados produzidos por sujeitos histórico-sociais fazem parte de processos discursivos, são carregados de memórias, evocam sentidos os mais variados possíveis. Assim, estão sempre propensos a serem outros, a deslizarem para várias regiões do interdiscurso. Os enunciados, na realidade, fazem parte de uma rede de discursividades sem início absoluto e nem fim pleno.

Desse modo, os enunciados que circulam na sociedade sempre podem ser alcançados por gestos de interpretações esboçados por sujeitos. Esses gestos podem ser parafrásticos ou polissêmicos. De acordo com Orlandi (2001, p. 43), a paráfrase “é o reconhecimento (reprodução) do sentido dado pelo autor e a polissêmica se define pela atribuição de múltiplos sentidos dados ao texto [enunciado]”. Assim, os enunciados es-

⁶⁵ Não entraremos em detalhes sobre os motivos que levaram determinada população a não fazer uso dos provérbios em detrimento das obras literárias consagradas, apenas mencionamos por acreditarmos ser relevante que em um dado momento da história os provérbios perderem seu caráter de prestígio, mais detalhes ver Parafita e Fernandes (2007).

ção em constantes deslocamentos de “sentidos-mesmos” e “sentidos-outros”, sempre nessa relação tênue.

Tomando também como base a reflexão de Fuchs (1998), concernente aos estudos sobre a paráfrase. Segundo a autora, a paráfrase é um fenômeno de linguagem bastante complexo de se definir em sua totalidade. A pesquisadora nos esclarece que a paráfrase “é uma atividade linguística dos sujeitos (um trabalho de interpretação e de reformulação), mas é também objeto linguístico resultante desta atividade (o enunciado ou o texto que reformula o outro)” (*Ibidem*, p. 129).

Assim, ela nos apresenta três perspectivas de estudos sobre a paráfrase, a saber:

1) *A perspectiva lógica da equivalência formal*

Aqui a ênfase recai única e exclusivamente no léxico e na estrutura sintática, como por exemplo: *frase fonte*: João é difícil de contentar → *frases parafraseadas* → Contentar João é difícil → É difícil contentar João. Ou *frase fonte*: Negro furtou é ladrão, branco furtou é barão → *frase parafraseada*: Negro furtou é ladrão, branco furtou é barão.

Para esta corrente teórica de estudos sobre o fenômeno parafrástico, nota-se que a preocupação está em saber manipular o léxico e as regras de usos das estruturas da língua, isto é, saber usar as combinações/ordens das palavras, para que ao parafrasear uma determinada sequência linguística, não mude seu significado da chamada “frase fonte” permanecendo o mesmo sentido, embora um pouco diferente sintaticamente em relação à frase primeira.

2) *A perspectiva gramatical da sinonímia.*

Esta perspectiva teórica de estudos sobre a paráfrase, diz que para que haja paráfrase é necessária apenas a substituição de léxicos da língua, desde que estes sejam sinônimos da palavra usada na frase fonte, por exemplo: *frase fonte*: Negro não nasce, aparece → *frases parafraseadas*: Negro não nasce, vem a furo, Negro não morre, se acaba - *frase fonte*: Negro em pé é um toco, e dormindo é um porco → *frase parafraseada*: Negro deitado é um porco, e de pé é um toco.

Assim, de acordo com as duas perspectivas de paráfrases apresentadas acima, é válido dizer que o destaque se dá única e exclusivamente nos aspectos linguísticos, na sintaxe, na estrutura de organização das pa-

lavras na frase fonte e parafraseada, como se os sentidos estivessem colados no léxico, cabendo apenas inversões sintáticas, substituições de palavras para que o fenômeno parafrástico ocorra com sucesso, pois ambas tratam o fenômeno como “[...] uma relação *virtual na língua*, e não como uma relação *atualizada no discurso*, ou seja, como uma propriedade intrínseca de grupo de enunciados.[...] (FUCHS, 1985, p. 133)

3) A *paráfrase* como reformulação.

Nesta perspectiva teórica, pode-se afirmar que há um papel mais ativo do sujeito em relação ao fenômeno parafrástico, visto que, seria muito insuficiente reduzir a paráfrase unicamente aos aspectos sintáticos, lexicais sem deixar intervir os aspectos contextuais (a exterioridade), a discursividade como partes essenciais na formulação de uma determinada paráfrase. Neste caso, considera-se o interdiscurso, a memória discursiva, o sujeito para a produção e o reconhecimento de um texto fonte e de um texto parafraseado. Essa corrente teórica conceitua a paráfrase como “uma *atividade* efetiva de reformulação pela qual o locutor restaura (bem ou mal, na totalidade ou em parte, fielmente ou não) o conteúdo de um texto-fonte sob a forma de um texto-segundo”. (*Ibidem*, p. 133).

Neste caso, os interlocutores devem perceber que entre um “texto fonte” e um texto parafraseado, há o que Pêcheux, (1998) denomina de *efeito metafórico, deslizamento de sentidos*, pois o fenômeno polissêmico e perifrástico fazem parte do movimento de produção de sentidos e de circulação deles na sociedade de modo indissociável, isto é, “dizemos o mesmo para significar outra coisa e dizemos coisas diferentes para ficar no mesmo sentido”. (ORLANDI, 1998, p. 98).

Assim, de acordo com essa perspectiva, é válido dizer que ao parafrasear um determinado texto, pode ser que ocorra, uma mudança no gênero de discurso, por exemplo, uma notícia virar propaganda, uma charge virar um artigo de opinião etc., porém, sem perder de vista que o sentido deve permanecer o mesmo-diferente, independente do gênero discursivo escolhido.

Para Maingueneau (2011), toda a enunciação se faz segundo dois tipos de procedimentos enunciativos, a saber: a enunciação aforizante e a enunciação textualizante, ambas com suas características e funcionamentos discursivos próprios, conforme nos ilustra o esquema vetorial a seguir:

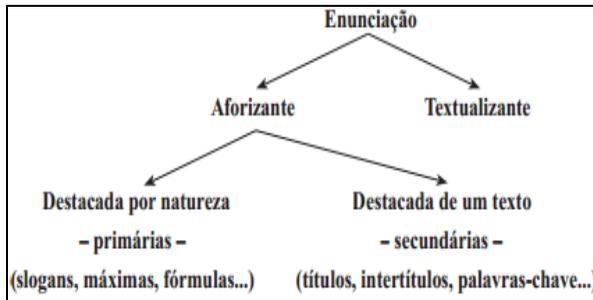


Figura1. Enunciações aforizante e textualizante.
(Adaptação de MAINGUENEAU, 2011, p. 42)

A enunciação textualizante se refere ao conjunto de gêneros discursivos existentes sejam eles orais, escritos, imagéticos, e produzidos por sujeito(s), com intenções específicas e em situações reais de interação, tais como o artigo de opinião, o editorial, a conversa telefônica, a consulta com o médico, dentre outros. Já a enunciação aforizante se divide em dois tipos: a *destacada por natureza* e a *destacada de um texto*. A *destacada por natureza* inclui os provérbios, as máximas heroicas, os *slogans*, as divisas etc. para os quais não podemos precisar qual é a fonte enunciativa, qual foi o primeiro locutor que as proferiu. Já a *destacada de um texto* é aquela que o enunciador recorta de um determinado texto, cuja fonte conhecemos (pode ser o livro de um autor x ou a frase proferida por um autor y em algum gênero discursivo).

Ambas se distinguem da enunciação textualizante, pois não seguem o “padrão” habitual de uma interação locutor x interlocutor num mesmo plano enunciativo, pois se tratam de enunciados “destacados”, isto é, são sequências discursivas destituídas de seu “corpo textual” de origem, conforme nos esclarece Maingueneau (2007), citado por Miqueletti (2011): as aforizações são “enunciados curtos, na forma oral ou escrita, representadas, em geral, por uma única frase, que são retiradas de seu co(n)texto original”. Vale ressaltar que, ao serem destacadas, seu tom significativo pode ser alterado ou não.

Maingueneau (2010) diz, mesmo que isso soe contraditório num primeiro momento, que a aforização é uma espécie de “texto fora do texto”, um transtexto, pois ela aparece no texto como um enunciado “isolado”. É como se fosse um fio que saísse da tessitura textual e adquirisse significado autônomo, ultrapassando até a lógica dos gêneros discursi-

vos, pois entra em outro plano enunciativo que não obedece à coerência interna dos gêneros, a saber: *tema, forma composicional e estilo*.

Nos enunciados aforizados, percebemos um teor polifônico em sua base significativa, é como se o locutor intercalasse “sua fala” com a de um locutor soberano (hiperenunciador) na mesma sequência enunciativa, pois se dirige a um interlocutor universal (conjunto de indivíduos) que valida, legitima este dizer como verdade absoluta, acima de “qualquer” suspeita, sem direito a réplica, pois “o hiperenunciador é [...] uma instância que, de um lado, garante a unidade e a validade de múltiplos enunciados de um *Thesaurus*, de outro, confirma o pertencimento dos parceiros da enunciação à comunidade correspondente” (MAINGUE-NEAU, 2011, p. 45).

Isto significa que quando o locutor traz para a cena enunciativa determinada verdade desse *Thesaurus* (“sabedoria das nações”, “sabedoria popular” reconhecida como um conhecimento já partilhado e que dispensa comentários contrários), ele automaticamente assume que o interlocutor irá concordar com a verdade enunciada, numa espécie de “lógica discursiva”: se EU enuncio uma VERDADE (reconhecida e inquestionável) a um determinado ALOCUTÁRIO, deixo-o sem direito a questionamentos, pois quem é ELE para questionar algo reconhecido e aceito universalmente por determinados grupos sociais? Logo, ELE deve concordar com (minha) verdade enunciada.

4. *Percurso metodológico e uma primeira aproximação analítica do corpus*

Para o trabalho que aqui apresentamos, o *corpus* é constituído de um conjunto de provérbios que tematizam o negro (Cf. PEREZ, 2000) e também de dois gêneros discursivos midiáticos. Buscaremos compreender como os seguintes provérbios são reenunciados nesses gêneros de modo aforizado e de modo parafraseado:

Vejamos, primeiramente, o conjunto de provérbios:

- Negro parado é suspeito, correndo é ladrão, voando é urubu.
- Negro furta e branco acha.
- Negro furta e branco aproveita.
- Negro furtou é ladrão, branco furtou é barão.

- Negro, quando não faz das suas na entrada, na saída é certo.
- Negro quando não suja na entrada, suja na saída.
- Negro quando não suja, tísica.
- Negro furto é ladrão, e branco é barão.

Agora vejamos a notícia abaixo publicada no site do Plantão Itabuna, de 03 de outubro de 2013:



“Nunca passei por isso na minha vida” Foto: Oziel Aragão/Plantão Itabuna

O motorista Girlan Silva de Souza, de 38 anos, registrou uma queixa na manhã desta quinta-feira (3) contra um suposto advogado ainda não identificado pelo crime de racismo. Segundo a vítima, por volta das 05:30, ele levava o irmão em um veículo Corsa para o trabalho, quando quase se envolve em um acidente com o condutor de um Fiat Uno de cor prata, no Centro de Itabuna. “Eu buzinei para lhe avisar que estava passando, ele não ouviu e quase bate, depois me xingou várias vezes de negro e proferindo que *Negro, quando não caga na entrada, caga na saída*, recorda.

De acordo com Girlan Souza, ele não “partiu para cima” do suposto advogado por conta da idade, pois seria um homem de aproximadamente 60 anos. Porém, não pretende deixar a ofensa de lado e fingir que não aconteceu nada. “Vou até o fim, nunca fui tão humilhado na minha vida”, conclui.

Fonte: <<http://plantaotabuna.com.br/motorista-chamado-negro-nao-caga-entrada-saida-advogado-itabuna>>.

Temos neste texto a presença de uma enunciação aforizante, pois o locutor ao enunciar “*Negro, quando não caga na entrada, caga na saída*” traz para a cena enunciativa uma voz de autoridade sentencial generalizante, que não podemos dizer de onde vem, pois é constituída alhures, validada por um hiperenunciador que tem o papel de legitimar e credibilizar tais enunciados. Como vimos anteriormente, são enunciações destacadas por natureza, sem fonte enunciativa, sem nenhuma “ancoragem/dependência” de algum suporte textual, no entanto, mesmo circulando “sozinha” essas enunciações proverbiais não deixam de circular e sedimentar sentidos, em nosso caso aqui, sentidos preconceituosos, depreciativos sobre o negro, pois eles fazem parte de um *thesaurus* coletivo, dito de outro modo, faz parte da comunidade das pessoas que acreditam que o negro é um ser digno de menosprezo nessa sociedade que se julga ser a maioria constituída por pessoas de pele clara.

Ao particitar tais provérbios, conforme Greimas (1975, p. 288),

O locutor abandona voluntariamente sua voz, tomando uma outra de empréstimo [no caso aqui a voz da sabedoria das nações, a voz coletiva, a verdade universalmente (re)conhecida], a fim de proferir um segmento da fala que não lhe pertence propriamente e que ele está unicamente citando.

O locutor põe em cena na fala dele uma aforização proverbial de que “o negro não faz nada que presta”; de que “o negro só faz coisas erradas”, temos um efeito de sentido de verdade absoluta, constituída socialmente, como se essa sequência de fala não pertencesse ao enunciador, como se ele unicamente citasse o que “todos falam”, não restringindo a responsabilidade enunciativa (somente) nele. Agindo dessa forma, o locutor, de modo persuasivo, põe o interlocutor, também, como alguém que conhece o *Thesaurus* de provérbios racistas [mesmo que não conheça] sobre o negro que circulam em nossa sociedade e o põem num estado de “sem direitos de contra-argumentar”, pois se trata de um enunciado cristalizado e de teor de verdade no seio social. Esclarece-nos Maingueneau (2011, p. 45) que “ao enunciar um provérbio sem nenhuma marca que o identifique como tal, o locutor põe o leitor na posição de um membro da comunidade que partilha um mesmo *Thesaurus*”.

Dado o exposto, é coerente afirmar que quando o locutor particita uma aforização proverbial, percebe-se que uma certa autoridade inquestionável é instalada no momento da enunciação, como uma espécie de verdade imutável pois, consoante Maingueneau (2011, p. 45), “a autoridade máxima da participação se deve precisamente a não ser necessário nomear sua autoridade”.

Texto 2

SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA



Fonte:

<http://www.blog0news.blogspot.com.br/2012/11/semana-da-consciencia-de-ser-negro.html>

Esta charge foi produzida com o objetivo de conscientizar as pessoas sobre o preconceito racial existente no Brasil, assunto de suma importância que vem ganhando notoriedade nos dias de hoje em todos os setores sociais.

Porém, se formos analisá-la de um ponto de vista discursivo, perceberemos que ela recupera uma memória discursiva bastante preconceituosa que circula na sociedade de que “todo negro é ladrão até que prove o contrário”.

A personagem ao enunciar: “É duro ter que se fingir de inocente, sendo inocente”, reforça esta visão que a sociedade tem sobre o negro, de que “todos são marginais” e precisam fingir, fazer de inocente; não basta *ser inocente* tem que ainda *fingir que é inocente*, pois já está posto socialmente de que *todos* são ladrões, precisando assim, disfarçar diante da polícia e da sociedade, de modo geral, que é um cidadão de bem e trabalhador.

Percebemos claramente nesta charge a presença de algumas paráfrases proverbiais, reformulações discursivas, isto é, há uma convergência semântica com alguns provérbios vistos anteriormente, quais sejam: Negro parado é suspeito, correndo é *ladrão*, voando é urubu; Negro *furta* e branco acha; Negro *furta* e branco aproveita; Negro *furtou* é *ladrão*,

branco furtou é barão; Negro *furtou* é ladrão, e branco é barão. A presença dos verbos no presente do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo não faz a diferença em relação à interpretação e nem ao(s) efeito(s) de sentido(s) discriminatórios relacionados ao negro, permanecendo dessa forma a visão negativa deles.

Dessa forma, pela simples repetição das aforizações proverbiais ou pela sua reformulação em forma de paráfrases em textos de outros gêneros discursivos, cristaliza-se e se faz circular uma visão bastante pejorativa do negro, ora caricaturada, ora animalizada, ora coisificada, ora despessoalizada...

5. *Considerações finais*

As discussões realizadas neste trabalho foram breves, mas suficientes para mostrar que os provérbios racistas continuam circulando socialmente, entoados por diferentes sujeitos, propagando mitos, sedimentando e cristalizando imagens preconceituosas, estereotipadas e depreciativas do negro.

Para isso, não tomamos os gêneros discursivos, aqui analisados, partindo somente da materialidade significativa, numa espécie de relação ingênua com os mesmos. Foi preciso ir além das estruturas sintáticas, da materialidade linguística, para desenredar os sentidos para além das evidências.

Como dissemos anteriormente, a análise partiu da perspectiva de que os textos, independentemente de sua materialidade significativa, devem ser analisados levando-se em conta também a exterioridade. Além disso, foi necessário considerar que a historicidade e a ideologia são constitutivas de toda produção de linguagem.

Desse modo, concordamos com Orlandi (2010, p. 19), ao dizer que “Nos estudos discursivos, não se separam forma e conteúdo, procura-se compreender a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento”.

Assim, esperamos que o presente estudo possa contribuir para que brechas, fissuras sejam cavadas no fio desse(s) discurso(s), possibilitando, assim, a irrupção de questionamentos críticos e a mudança de olhares e posturas sobre a negritude, dentro dessa sociedade que cinicamente se apresenta como *multiculturalista* e *multiétnica*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GATTI, Marcio Antônio. *Humor em provérbios alterados*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GREIMAS, Algirdas Julien. Os provérbios e os ditados. In: _____. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 288-295.

BARONAS, R. L.; COX, M.I. P. A circulação de enunciados destacados na mídia e a produção pletórica de enunciados. In: *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 15/3 (esp), p. 13-38, dez. 2012; 19.

MAINGUENEAU, Dominique. A aforização proverbial e o feminino. In: MOTTA, Ana Raquel Machado; SALGADO, Luciana. (Org.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 41-58.

_____. Aforização: enunciados sem texto? In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Perez de; POSSENTI, Sírio. (Orgs.). *Doze conceitos em análise de discurso*. São Paulo: Parábola, 2010, p. 9-24.

_____. Polifonia: polifonia, provérbios e desvio. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Perez de; POSSENTI, Sírio. (Orgs.). *Doze conceitos em análise de discurso*. São Paulo: Parábola, 2010, p. 171-186.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 6. ed. Campinas: Cortez, 2001.

PEREZ, Joubert Castro. *Permanência e (re)atualização do discurso racista em provérbios e piadas*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.